

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

1290

UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Universidade de
Coimbra - Alta e Sã
inscrita na Lista do Património
Mundial em 2013

COMPETE
2020
PROGRAMA OPERACIONAL COMERCÍO E INOVAÇÃO

PORTUGAL
2020



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coordenador

José Reis

Editor

Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

Revisão Científica

Ana Cordeiro Santos, António Sousa Ribeiro, Carlos Fortuna, João Rodrigues, José Castro Caldas, José Reis, Pedro Hespanha, Vítor Neves

Revisão Linguística

Ana Sofia Veloso, Alina Timóteo

Design e Paginação

André Queda

Julho, 2020

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/50012/2020.

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade dos/das seus/suas autores/autoras.

ISBN

978-989-8847-25-6

COMBATER A DISTOPIA

Rui Bebiano

Ao invés da utopia, que produz um ideal de organização, felicidade e harmonia aplicado à vida coletiva, a distopia desenha um lugar imaginário onde se vive sob condições extremas de opressão, desespero e conflito. Frente à realidade objetiva, a utopia é um território de desejo e esperança, enquanto a distopia é um lugar de sofrimento e desolação, determinado por uma transformação da natureza condicionada pelas más escolhas da intervenção humana. Em *Dystopia: A Natural History*, Gregory Claeys confere-lhe, no entanto, uma dimensão que pode tornar-se positiva, dado revelar um conjunto de medos “naturais” (deuses, monstros, calamidades) ou “sociais” (tecnologias opressivas, exploração do trabalho ou sistemas totalitários), a partir dos quais as sociedades se confrontam com cenários que de modo algum desejaram e que deverão rejeitar.

A reflexão sobre a paisagem humana que poderá resultar da atual situação pandémica de COVID-19, a geograficamente mais vasta e das mais mortais da história, só superada pela Peste Negra e pela Gripe Pneumónica, tem visto emergir possibilidades com contornos de uma configuração distópica das sociedades próximas futuras. Aspetos como a imposição do distanciamento social, a contenção imposta nos eventos de natureza coletiva, o cadastro dos cidadãos e da sua vida privada, o controlo dos lugares de habitação, o regresso abrupto das fronteiras, a limitação da circulação humana e da presença em lugares públicos, o registo detalhado e regular das condições de saúde, a instauração da vigilância sobre as

peçoas, a ampliação obrigatória do regime de teletrabalho, o controlo informático da atividade individual, a flexibilização total do desemprego, a própria limitação da liberdade de reunião e protesto, bem como a intervenção mais pesada do Estado, da lei e dos mecanismos de polícia, anunciam, em nome da indispensável segurança sanitária – como nos romances distópicos de Zamiatine, Huxley ou Orwell – uma normalidade dominada por inúmeras restrições.

O dramatismo que esta enumeração revela poderá ser moderado pela interposição da opinião pública e das forças, instituições e movimentos democráticos, assim como pelo desenvolvimento de uma consciência coletiva mais informada e colaborativa, mas a paisagem negativa que revela não pode ser encarada como o mero pesadelo que se desfará ao acordarmos. O cenário da distopia que a resposta à COVID-19 está a projetar deverá ajudar-nos a medir melhor, com uma perceção nítida e inteligente de benefícios e danos, cada um dos passos dados no sentido de uma rápida transformação das práticas e dos hábitos sociais. Na paisagem pós-pandémica, a preservação da saúde pública, a defesa dos direitos humanos e a salvaguarda da liberdade individual não podem ser inconciliáveis. O exemplo chinês, no qual a ostentada eficácia do combate à pandemia, apoiada na hipervigilância, se está a fazer em detrimento da autonomia e da liberdade dos cidadãos, não pode propagar-se. É imperativo escrutinar os contornos do “novo normal”, barrando a materialização da distopia.